

AS ESTRUTURAS COM O VERBO-SUORTE DAR UMA X-ADA E A PROTOTIPIA: UMA CONTRIBUIÇÃO FUNCIONALISTA

Alzira da Penha Costa Davel (UFES)
alzira5907@yahoo.com.br

1. Introdução

Com o desenvolvimento dos estudos funcionalistas, especialmente no Brasil, a partir dos anos 80/90, as investigações privilegiaram os estudos da língua(gem) sob o ponto de vista discursivo-interacional, considerando as diferentes funções que um mesmo item lexical/gramatical pode assumir, de acordo com o contexto em que é empregado.

Muitos estudos, nessa perspectiva, revelaram a necessidade de considerar que o uso de termos e construções pode fugir ao preconizado pela norma padrão e, por isso, as formas linguísticas que ocorrem no uso frequente podem ser explicadas conforme as circunstâncias discursivas. É nesse sentido que a língua é usada para satisfazer as necessidades comunicativas dos seus falantes.

Neste artigo, são abordados e discutidos os conceitos operacionais sobre a transitividade e a prototipia das estruturas com o verbo *dar* como pleno, com valor básico de transferência de um objeto, de um agente a um destinatário, e como verbo-suporte quando se associa a um SN de natureza menos referencial, podendo ocorrer diferentes nuances de sentido (vinculadas com maior ou menor transparência àquele valor). É dispensado maior enfoque às estruturas *Dar uma X-ada*, com referência à questão da transferencialidade, com base em uma noção escalar de *continuum*, que compreende traços sintático-semânticos que, de forma interdependente, compõem o complexo da transitividade. Para isso, são utilizados os pressupostos da linguística funcional, de Hopper e Thompson (1980, 2001), de Givón (1984) e cognitiva, de Taylor (1995), para quem as categorias lexicais/ gramaticais não são estáticas, mas flexibilizadas, conforme os contextos sociodiscursivos e interacionais.

Ressalta-se que dependendo das construções das quais faz parte, o verbo *dar* assume também o comportamento de semiauxiliar, de expressões cristalizadas ou idiomáticas, de unidades fraseológicas, conforme a

denominação de diferentes pesquisadores e/ou autores. São aqui verificadas somente as construções com o verbo pleno e o verbo-suporte.

2. *A transitividade*

A questão da transitividade, conforme tratada pelas gramáticas tradicionais, o verbo é o elemento responsável pela estruturação oracional, cujo processo se transmite a outros elementos que lhes completem o sentido (CUNHA & CINTRA, 1985).

Com base no funcionalismo, Hopper e Thompson (1980) entendem a transitividade como uma propriedade da oração, como universal discursivo, pois o falante estrutura o seu discurso, cuja finalidade é atingir seus propósitos comunicativos.

Para explicar o complexo da transitividade Hopper e Thompson (1980) propõem dez parâmetros sintático-semânticos independentes, de modo contínuo (não categórico), quais sejam: a) TRANSITIVIDADE ALTA: participantes (dois ou mais); cinese (ação); aspecto do verbo (perfectivo); pontualidade do verbo (pontual); intencionalidade do sujeito (intencional); polaridade da oração (afirmativa); modalidade da oração (modo realis); agentividade do sujeito (agentivo); afetamento do objeto (afetado); individuação do objeto (individuado); b) TRANSITIVIDADE BAIXA: participantes (um), cinese (não ação), aspecto do verbo (não perfectivo), pontualidade do verbo (não pontual), intencionalidade do sujeito (não intencional), polaridade da oração (negativa), modalidade da oração (modo irrealis), agentividade do sujeito (não agentivo), afetamento do objeto (não afetado), individuação do objeto (não individuado). Portanto, a universalidade da transitividade leva em consideração a função básica da linguagem que é satisfazer as necessidades comunicativas e cognitivas de seus falantes).

Para Givón (1984), a oração transitiva apresenta, no mínimo, dois participantes: um agente e um paciente. O primeiro, codificado sintaticamente como sujeito, é o responsável pela ação; o segundo, codificado sintaticamente como objeto direto, é o paciente da ação verbal. Essa configuração caracteriza o protótipo de um evento transitivo, no qual um agente age para causar uma mudança de estado ou de condição em um paciente.

A esse respeito, a visão do funcionalismo centra-se no estudo da utilização da língua em situação comunicativa, priorizando o componente

pragmático que, por sua vez, interliga-se aos componentes sintático e semântico. Furtado da Cunha e Oliveira (1994), assinalam que

Para o funcionalismo, todas as orações de um texto têm uma dupla função: semântica e pragmática. O que se comunica em cada porção não é só o conteúdo semântico da língua, mas também a natureza e o propósito do ato de fala visto como fenômeno cultural e cognitivo. O conteúdo semântico proposicional de uma oração pode permanecer estável, ao passo que sua função discursivo-pragmática pode se modificar (FURTADO DA CUNHA & OLIVEIRA, 1994, p. 47).

Nessa perspectiva, as mudanças nas funções discursivo-pragmáticas de uma oração relacionam-se a transformações na sua estrutura sintática, sobretudo, quanto à ordenação dos termos, de tal forma que a sintaxe, a semântica e a pragmática são interdependentes.

Conforme a visão desses autores pode-se entender a transitividade como um complexo escalar de traços sintático-semânticos que exhibe um sujeito/agente que transfere intencionalmente uma ação, por meio de um verbo, cujo efeito é um objeto afetado, diferente, pois, da visão tradicional.

De acordo com essa abordagem teórica, o funcionamento da língua é interativo, uma vez que os princípios cognitivos e funcionais são motivadores para o surgimento, manutenção ou alteração dos padrões linguísticos – a gramática.

[...] tomada sincronicamente, a gramática de qualquer língua exhibe, simultaneamente, padrões regulares, rígidos, e padrões que não são completamente fixos, mas fluidos. Por alguma razão, certos padrões novos se estabilizam, o que resulta numa reformulação da gramática (MARTELOTTA et alii, 1996, p. 11).

Assim, a língua não pode ser considerada totalmente independente de seus fatores externos, pois a gramática de uma língua é dinâmica e flexível, podendo ser entendida como um sistema constituído por regularidades decorrentes das pressões do uso, que estão diretamente relacionadas aos propósitos comunicativos do falante.

2.1. A prototipia

A questão da prototipia é muito discutida na linguística cognitiva, cujas contribuições partem da psicolinguística (ROSCHE & MERVIS, 1975, *apud* NEVES, 2006, p. 22-23), desenvolveram importantes estudos sobre os protótipos e suas subcategorias radiais, dando ênfase às redes

semânticas das quais fazem parte os membros de uma determinada categoria.

A teoria dos protótipos, inicialmente denominada de versão padrão foi posteriormente reformulada para a versão ampliada dos protótipos. Dessa forma, o protótipo se converte em efeitos prototípicos e a noção de “semelhança de família” (WITTGENSTEIN, 1953), em elemento que vincula os membros de uma mesma categoria. O membro que demonstra o maior número de propriedades é o que caracteriza determinado ‘modelo’ e, a partir dele, são classificados os demais membros de acordo com o grau de similaridade.

Em outros termos, vários membros ou propriedades de uma categoria possuem diferentes graus de saliência, sendo uns mais prototípicos e outros periféricos, que se agrupam por similaridades parciais e que os limites entre si e também entre as categorias são, em geral, imprecisos. Quanto mais próximo do protótipo, mais central é o status da entidade na categoria. Assim, é possível encontrar membros de uma categoria que têm alguns atributos compartilhados e haver categorias, cujos membros não possuem determinado atributo em comum.

Dentro da visão funcionalista da linguagem, pode-se admitir que a noção de protótipos relaciona-se com a gramática e com a cognição. Os protótipos são decorrentes de certa vacuidade dos limites entre as categorias, o que evidencia a grande sintonia entre as teorias cognitiva e funcional.

De acordo com Taylor (1995), o processo de categorização linguística é uma atividade cognitiva fundamental. A língua, por ser uma criação da cognição humana e um instrumento a serviço de seus falantes, reflete em sua estrutura e funcionamento, uma das mais importantes habilidades, a de categorizar.

Segundo o autor, algumas características importantes de uma categoria prototípica são: (i) o fato de seus membros centrais compartilharem um grande número de atributos e (ii) o fato de as categorias prototípicas permitirem associações às entidades que compartilham só alguns atributos com os membros mais centrais, fazendo com que elas tenham flexibilidade. Além disso, uma categoria prototípica: a) maximiza o número de atributos compartilhados pelos membros da categoria; e b) minimiza o número de atributos compartilhados com os membros de outras categorias (ROSCH, 1975c, *apud* TAYLOR, 1995, p. 51).

Nesse sentido, esclarece que

Os critérios semânticos certamente desempenham um papel em qualquer definição de classe de palavras [...]. Isso não significa afirmar que todos os membros de uma categoria gramatical necessariamente partilham um conteúdo semântico comum. (Mas nem todos os membros de uma categoria gramatical necessariamente partilham as mesmas propriedades sintáticas). [...]. As categorias gramaticais possuem uma estrutura prototípica, com membros centrais partilhando uma gama de atributos semânticos e sintáticos. O fato de um item não exibir alguns desses atributos não impossibilita a associação (TAYLOR, 1995, p. 196).

Nessa linha de raciocínio, as entidades são categorizadas com base em seus atributos, mais centrais ou periféricos, não a partir de um contraste binário, de modo que em uma mesma categoria podem ser agrupados diversos membros em que, em um extremo encontra-se o membro mais prototípico e em outro, o membro que exhibe traços mais periféricos.

De modo semelhante, Givón defende a noção de protótipo “como o membro que exhibe o maior número de propriedades ou características de uma categoria. Todos os outros membros podem ser classificados de acordo com seu grau de semelhança (ou de distância) com o modelo prototípico” (GIVÓN, 1984, p. 17). As categorias são estruturadas em torno de um *continuum*, em que: (a) o significado de uma expressão participa do significado de outra; (b) alguns membros partilham atributos associados tipicamente à categoria enquanto outros partilham atributos distintos ou quase não partilham propriedades (GIVÓN, 1984).

Observa-se que os aspectos básicos da prototipia são comuns na concepção dos autores citados, sobretudo, no que se refere às questões da gradação e na partilha de atributos das categorias.

Esses princípios possuem um vasto campo de aplicação, pois não só domina toda a semântica léxica, mas, também, é aplicável a todo fenômeno que implique uma categorização. Logo, há diferentes campos nos quais pode ser aplicado o conceito de protótipo: gramática cognitiva, fonética, morfofonologia, sintaxe, entre outros.

A interpretação das estruturas formadas com o verbo *dar* traz a ideia principal de transferência, ou, mais especificamente, do deslocamento de algo, de um ser possuidor a um destinatário. É transitivo por excelência, que permite maior número de complementos, podendo transferir coisas, ideias, qualidades etc. No entanto, cada expressão tem um significado que orienta o seu uso linguisticamente, o que contribui para que a construção adquira nuances de sentidos diferentes ou aproximados.

Ao descrever sobre os verbos-suporte, Neves (1999a), diz que são “verbos semiesvaziados lexicalmente que formam com o Sintagma Nominal (SN-objeto direto) um significado global, que em geral, têm correspondência com verbos plenos da língua”. Citando como exemplos, dar um pulo/ um chute/ um beijo etc. (pular, chutar, beijar).

Esse esvaziamento provoca a perda de parte das propriedades de transferência de algo concreto, e age sobre o elemento nominal, conferindo-lhe a função predicante, e com ele forma um todo significativo em que não é possível se determinar o significado do verbo, sem agregar o significado do nome (NEVES, 2006, p. 63).

Dentre os dez parâmetros propostos por Hopper e Thompson (1980), Givón (1984) argumenta que três deles são suficientes para definir o evento transitivo prototípico: a) agentividade – ter um agente intencional ativo; b) afetamento – ter um paciente concreto afetado; c) perfectividade – envolver um evento concluído, pontual. As propostas dos autores citados são complementares e até semelhantes. Dentro dessa visão, estabelece-se, neste estudo, para caracterizar a transitiva prototípica com o verbo dar pleno:

- a) participantes: 2 (dois) – um Sujeito/Agente/Humano que transfere, intencionalmente, um objeto a um Destinatário/Agente/Humano;
- b) perfectividade do verbo;
- c) objeto afetado.

No caso do verbo-suporte:

- a) A ideia de “transferência de um objeto é substituída por uma ação”;
- b) ação do verbo (aspecto): atélica/télica ou concluída (pontual);
- c) afetamento do complemento.

Importante se faz ressaltar que os estudos de Hopper e Thompson (1980), tomam como base as narrativas no que se refere aos parâmetros. Entretanto, alguns estudos desenvolvidos observaram a transitividade em gêneros textuais como, charges, fábula e publicidade.

Para aplicação e discussão dos conceitos, foram selecionadas cinco estruturas, sendo quatro extraídas da *internet*, revelando manifestações discursivas que ocorrem com o verbo *dar*, em uma escala de transitividade, partindo do ponto do seu significado prototípico ao periférico. Conforme já dito, o modelo prototípico é a oração com um sujeito agentivo

que, intencionalmente, transfere um objeto concreto a um destinatário. Nas estruturas *dar uma X-ada* ocorre uma configuração diferente, uma vez que o objeto direto é representado por um SN (deverbal ou denominacional).

- 1) Ana *deu* uma bola ao menino¹⁷.
- 2) Juninho se irritou com a cera feita pelo goleiro Nielsen antes de um tiro de meta, *deu uma bolada*¹⁸ no adversário e acabou expulso.
- 3) [...] Gostei do molho, muito bom! Já quero testar [...] e vou *dar uma esquentada*¹⁹ no molho. Hummm...
- 4) É claro que foi super importante *dar* uma *esquentada*²⁰ na relação, quebrar um pouco a rotina e experimentar algo novo [...]. Afinal, de nada adianta você resolver ser uma expert em Kama Sutra [...].
- 5) Torcedores do Cruzeiro foram à Toca da Raposa *dar apoio*²¹ aos jogadores.

Em (1) o sujeito/agente/humano que transfere, intencionalmente, um objeto concreto a um destinatário humano que passa a ser o possuidor desse objeto, que por sua vez, é afetado pela mudança de condição. O verbo *dar* perfectivo exprime ação concluída. Trata-se de uma oração transitiva prototípica, constituída de sujeito/verbo/objeto direto e indireto (bitransitiva).

Em (2) há um sujeito/agente/humano que, pela leitura agiu intencionalmente, de modo pode-se dizer, agressivo (*deu uma bolada*) que afeta o complemento/humano (no adversário). *Deu uma bolada* veicula uma ação pontual, um evento concluído, tanto pelo verbo *dar* como pelo aspecto da nominalização, indicando um grau de alta transitividade (Hopper e Thompson, 1980). Envolve um movimento em que é utilizado um

¹⁷ Exemplo criado pelo autor.

¹⁸ <<http://wp.clicrbs.com.br/primetime/2013/04/19/juninho-se-irrita-com-cera-da-bolada-em-goleiro-e-expulso-na-mls>>. Acesso em 24.06.2013.

¹⁹ <<http://pratofundo.com/1864/casa-fiesta-comida-tex-mex>>. Acesso em 24.06.2013.

²⁰ <http://www.revistaandros.com.br/como_agradar10.html>. Acesso em 24.06.2013.

²¹ <<http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/mineiro/ultimas-noticias/2013/05/16/torcedores-do-cruzeiro-foram-a-toca-da-raposa-dar-apoio-aos-jogadores.htm>> Acesso em 24.06.2013.

objeto que tem referente no mundo, o SN (uma bolada), aproximando-se da prototípica (1).

Em (3) o sujeito/agente/humano (alguém que gosta de molho) afirma a intenção de testá-lo, mas antes quer esquentá-lo. Em vez da transferência de um objeto concreto, o agente transfere uma ação que provoca o aquecimento; um evento durativo (atélico) que não se presume o tempo que levará para isso. O SN deverbal (uma esquentada), formada pelo verbo esquentar determina o afetamento do complemento (no molho). Assim, o verbo nominalizado (esquentada) é o que nomeia a ação que produz esse afetamento. Quanto à perfectividade, o verbo *dar* não é perfectivo, mas o contexto indica a certeza de que a ação ocorrerá. Isso faz com que se possa considerá-la menos prototípica, com grau de transitividade mais baixa em relação à (1) e à (2).

Observa-se que em (4) há, implicitamente, um sujeito/agente/humano que afirma ser importante inovar a relação. A estrutura (dar uma esquentada) adquire um significado diferente da anterior (3). Denota uma ação que produz uma situação, ou seja, uma relação de melhor qualidade. Por influência do complemento afetado, a estrutura sofre um “deslizamento” metafórico, pois esse complemento (na relação) não é naturalmente esperado na ambiência linguística em questão. A perfectividade é indicada pelo contexto (foi). Essas razões levam a uma transitividade mais baixa, e, portanto, menos prototípica em relação às anteriores.

Confrontando os três exemplos em (2), (3) e (4), a presença dos complementos (objetos) afetados apresentam efeitos semânticos que se distinguem: em (2) a ação de “atingir alguém com um golpe” e em (3) “aquecer o alimento”, parecem mais intencionais por parte do agente (que provavelmente mantém contato físico), o que torna o agente mais “agente” e que, nesse ponto, se percebe transitividade mais alta. Já em (4), “tornar uma relação mais inovada”, a transitividade parece mais baixa, na medida em que envolve várias ações, como: maneiras de agir, de falar, de se vestir, de se alimentar etc. (mudança de comportamento em geral).

Nesse sentido, compreende-se que a intencionalidade é também um fator importante para determinar o evento causal prototípico, ou seja, como um “evento em que um agente animado intencionalmente causa mudança física e perceptível de estado ou locação em um objeto”, como definem Furtado da Cunha; Costa e Cezario (2003, p. 38).

As fronteiras de significação entre as estruturas Dar uma X-ada, especialmente, em (3) e (4) são tênues, pois ambas são determinadas pelo universo discursivo no qual estão inseridas, veiculando ora um sentido ora outro.

Com referência à estrutura (5), foram *dar apoio* aos jogadores, há sujeitos/agentes/ humanos que se dirigiram a um local (sede do Cruzeiro) para incentivar o time, tendo implícita uma intenção. Nesse caso, também não é transferido um objeto concreto, mas atitudes (incentivo), nomeadas por um SN não referencial (apoio). O complemento humano (jogadores) é afetado total ou parcialmente, pois não é possível saber se todos receberam esse incentivo e de que forma foi recebido; a perfectividade não é indicada pelo verbo *dar*, mas pelo contexto (foram), denotando ação concluída.

Trata-se de uma estrutura prototípica com verbo-suporte, pois o verbo *dar* tem como objeto direto um SN que é nomeado por um substantivo não referencial, singular e sem determinante (NEVES, 1999a, 2006). Ou seja, é uma estrutura prototípica de outra ordem, diferente da bitransitiva, como outras do tipo: *dar início*, *dar contribuição*, *dar opinião*. É representada por categorias cognitivas que envolvem deslocamento espacial e um espaço físico (torcedores deslocam-se fisicamente até a sede dos jogadores e oferecem ajuda/ incentivo que pode ser expressa por gestos, palavras etc.).

De modo semelhante, a estrutura (1) é representada por capacidades cognitivas de movimento de entregar um objeto (uma bola) e um espaço físico-locativo (ao menino). Em (2), (3) implica movimento de forças, cujos eventos ocorrem pelo deslocamento físico e espacial, como: pegar a bola e jogar contra alguém; reunir utensílios e levar o alimento ao fogo, respectivamente. Nesses casos, os espaços físicos são concretos – locativos (no menino/ no molho); em (4), como explicado acima, envolve ações mais abstratas no sentido de modificar a relação.

Dentre os traços mencionados por Hopper e Thompson (1980), os que se mostraram relevantes para caracterizar as orações mais transitivas foram: cinese, aspecto do verbo nominalizado, participantes, intencionalidade, agentividade do sujeito. Segundo os autores, esses traços focalizam “diferentes ângulos da transferência da ação em uma porção diferente da oração” (HOPPER & THOMPSON, 1980, *apud* FURTADO DA CUNHA & SOUZA, 2007, p. 37). Nas estruturas, de (2) a (5), os traços focalizaram principalmente os SNs que representam essas porções.

Destacando algumas considerações:

- i) O aspecto verbal nas estruturas *Dar uma X-ada* exerce uma importante função no papel da transitividade, devido à natureza do termo que nomeia o objeto transferido. Tendo em vista que os nomes deverbiais não são verbos e nem nomes prototípicos (têm função de referir e predicar), as categorias (com)partilham propriedades. Logo, constituem predicados mistos, complexos, de modo que o “feixe” de traços das nominalizações formadas interfere para os diferentes graus de prototipia das estruturas. Assim, pode-se dizer que a noção de transferencialidade relaciona-se diretamente à natureza dos SNs que as compõem.
- ii) A perfectividade foi verificada na maioria das estruturas (1, 2, 4 e 5), explícitas pelo verbo *dar* em (deu uma bola/ deu uma bolada) e por outros elementos contextuais (foi superimportante dar/ foram dar apoio).
- iii) Em que pese não terem sido escolhidos os parâmetros de polaridade e modalidade das orações, todas elas estão codificadas no modo *realis* e afirmativamente (THOMPSON; HOPPER, 2001).
- iv) Nas estruturas com verbo-suporte (2) a (5) pôde-se observar a descentralidade do verbo *dar*, uma vez que recai sobre a nominalização *X-ada* a responsabilidade maior de selecionar o complemento; complemento esse que sofre o afetamento total ou parcial, por força de movimento causado, podendo ser concreto ou não, incluindo mudança de lugar ou estado, humanidade etc. (*bolada no adversário; esquentada no molho/ na relação/ apoio aos jogadores*).

Nesse sentido, Amorim e Rocha sinalizam,

A morfossintaxe de uma cláusula pode também assinalar, de vários modos, diferenças em grau de atividade física no evento ao qual o verbo se refere. A mesma propriedade, às vezes, se refere à qualidade cinética; e a intervenção da vontade consciente que normalmente é uma parte do significado deste tipo de verbo – a deliberação ou espontaneidade do agente – é chamada o elemento intencional (AMORIM & ROCHA, 2008, p. 151).

A intencionalidade foi verificada a partir da compreensão de maior ou menor contato físico do agente para realizar a ação, seguindo o raciocínio das autoras. Por essa ótica, a mesma estrutura (*dar uma esquentada*) que em (3) se percebe maior contato físico do agente com o objeto-complemento do que em (4) com sentido mais abstratizado. Mas, ainda assim, para se obter a certeza dessa intenção, seria necessário se depre-

ender o resultado dela, ou seja, até que ponto o objeto foi afetado, sendo possível somente perceber parte desse resultado. Assim, uma observação mais acurada permite a reflexão de que se torna difícil mensurar com exatidão o grau de intenção (se por deliberação ou espontaneidade), por se tratar de uma condição interna, volitiva do agente, a não ser quando o contexto permite tal leitura, deixando explicitamente claro (se houve mudança de estado ou locação do objeto), o que parece ocorrer no exemplo (2) que fica mais evidente.

De acordo com a concepção de categorização e protótipos (WITTGENSTEIN, 1953; GIVÓN, 1984; TAYLOR, 1995), o verbo *dar* mantém em todas as estruturas a ideia de transferência de x para z, com maior ou menor grau, dependendo do número de traços sintático-semânticos. Esses traços dos verbos formadores dos SNs das estruturas com o verbo-suporte, de (2) a (5), interferem na sintaxe, e, por consequência, no modelo da transitividade. Em outros termos, devido à flexibilidade do verbo *dar* se associar a SNs-objetos diferenciados torna as construções mais próximas ou mais periféricas da categoria prototípica.

Especificamente as estruturas (1) e (5) são consideradas prototípicas, com verbo pleno (*dar uma bola*) e com o verbo-suporte (*dar apoio*), respectivamente. São diferentes pelo fato de possuírem diferentes atributos, mas são semelhantes em suas funções por preservarem a ideia de transferência. As do tipo *Dar uma X-ada* situam-se no *continuum*, entre as duas, podendo ser consideradas periféricas, tanto em relação à primeira como à última.

Na esteira do cognitivismo, são construções que caracterizam movimento causado, em que a sintaxe evidencia a polissemia de diferentes construções. Ou seja, uma mesma estrutura sintática pode se associar a vários sentidos relacionados (GOLDBERG, 1995, *apud* FERRARI, 2011, p. 25). É o caso do verbo *dar* que nas estruturas possui sentidos relacionados por um laço polissêmico, de maneira que de (2) a (5) estabelecem-se distintos tipos de relações de contiguidade ou proximidade com o sentido de (1) como central.

Discursivamente, embora os contextos sejam restritos, apontam para situações interacionais em que se percebe um enunciador/escritor que se dirige a um pressuposto interlocutor/leitor. Em (2), por exemplo, pode-se pressupor um enunciador narrando para alguém um fato ocorrido em um jogo de futebol (Juninho, irritado [...] *deu uma bolada* no adversário e foi expulso). Em (3), (4) e (5), também ocorre o mesmo, de acor-

do com cada contexto. Isso confirma a compreensão de Hopper e Thompson (1980) que defendem a transitividade sob a ótica discursivo-semântica e como um fenômeno universal que, de algum modo, reflete a forma como o falante estrutura o seu discurso.

3. *Finalizando*

Este estudo abordou aspectos da transitividade e prototipicidade em construções com o verbo *dar*, partindo do modelo em que esse verbo funciona como pleno (bitransitivo) e como verbo-suporte, tendo como maior enfoque a questão da transferencialidade do objeto nas estruturas Dar uma X-ada.

Conforme Hopper e Thompson (1980, 2001), Givón (1984) e seus seguidores, a transitividade se estabelece em uma noção escalar, de diferentes graus que se manifestam nos traços sintático-semânticos e que podem sofrer alterações de natureza morfossintática, semântica e pragmática.

Nas estruturas analisadas, além do verbo *dar*, também são responsáveis pela transitividade, a categoria que nomeia o objeto transferido, a intencionalidade do agente, o afetamento do complemento, ou seja, são considerados todos os termos que delas fazem parte. Em outras palavras, a transitividade é um complexo que se dá de acordo com a posição e a natureza de todos os termos oracionais.

Dentre esses, revelou-se como fator importante a natureza dos traços semânticos do verbo formador da nominalização X-ada (que nomeia a ação transferida), que influencia os diferentes graus de prototipia, afastando-as do modelo prototípico de transitividade do verbo *dar* (GIVÓN, 1984; TAYLOR, 1995).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, C. M. da S.; ROCHA, L. H. P. da. (Orgs.). *(In)transitividade na perspectiva funcionalista da língua*. Vitória: Edufes, 2008.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FERRARI, L. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, N. F. Da linguística imamente à linguística da fala. *Revista Vivência*. Natal: UFRN, v. 8, n. 1, p. 39-50, 1994.

_____; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. (Orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____; SOUZA, M. M. *Transitividade e seus contextos de uso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

GIVÓN, T. *Syntax I*. New York: Academic Press, 1984.

GOLDBERG, A. *Constructions*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

HOPPER, P.; THOMPSON, S. A transitivity in grammar and discourse. *Language*, ano 56, n. 2, p. 251-299, 1980.

MARTELOTTA, M. E.; CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. J. (Orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

NEVES, M. H. M. Estudo da estrutura argumental dos nomes. In: KATO, M. (Org.). *Gramática do português falado*. V. 5: Convergências. Campinas: UNICAMP; São Paulo: FAPESP, 1996, p. 119-154.

_____. A delimitação das unidades lexicais: o caso das construções com verbo-suporte. In: BASÍLIO, M. *A delimitação de unidades lexicais*. Rio de Janeiro: Grypho, 1999, p. 98-114.

_____. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

ROSCH, E. Natural categories. In: _____. *Cognitive Psychology*, 1973, 4 v.

_____; MERVIS, C. B. Family resemblance: studies in the internal structures of categories. *Cognitive Psychology*, 1975, 7 v.

TAYLOR, J. R. *Linguistic categorization*. Prototypes in Linguistic Theory. GB: Larendon Paperbacks, 1995.

THOMPSON, S. A.; HOPPER P. J. Transitivity, clause structure, and argument structure. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. J. (Orgs.). *Frequency and emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

WITTGENSTEIN, L. *Philosophical Investigations*. Oxford: Basil Blackwell, 1953.